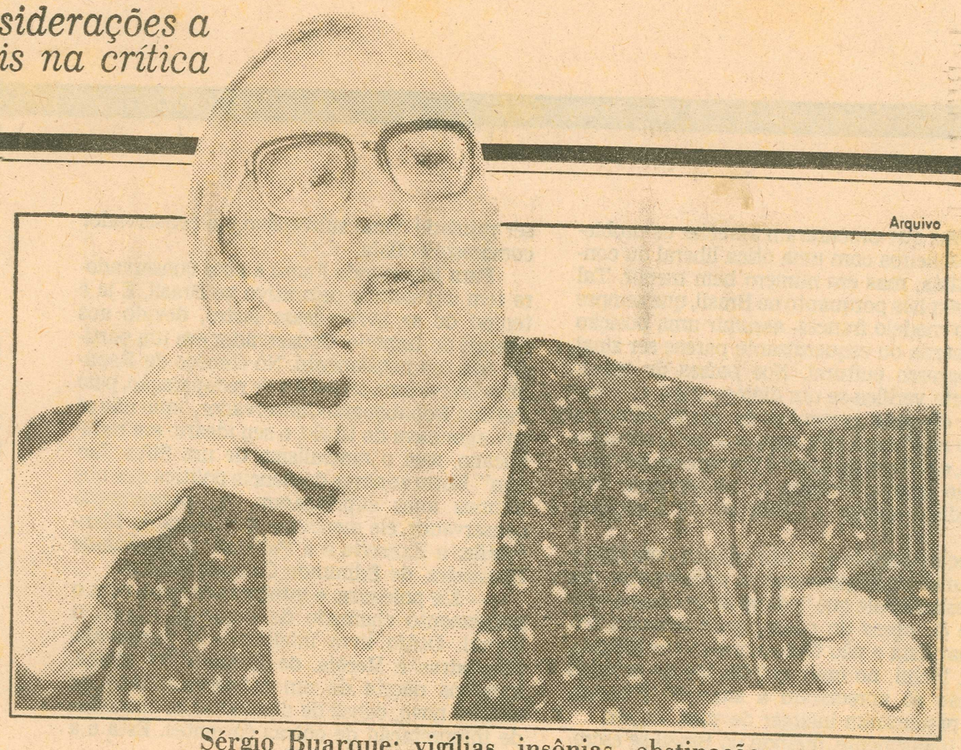
Em Sérgio Buarque de Holanda seria aconselhável que os jovens críticos lessem as considerações a respeito da clareza, da elegância e da correção lingüística, não menos indispensáveis na crítica literária do que nas demais formas de criação intelectual

Wilson Martins

CAMINHOS DA CRÍTICA



Arquivo

Sérgio Buarque: vigílias, insônias, obstinação

DEFININDO-SE e definido como historiador e tendo desde 1936 publicado Raizes do Brasil, *houve uma certa surpresa, se não algum mal-estar, na República das Letras quando, no começo da década de 40, Sérgio Buarque de Holanda passou a exercer com regularidade a crítica literária. Ele parecia reivindicar com isso, implicitamente, a qualidade de "polígrafo" que agora lhe confere o editor da nova coletânea de artigos esparsos (*Tentativas de Mitologia. *São Paulo: Perspectiva, 1979), completando, em volume simétrico, a que havia aparecido em 1944 sob o título de* Cobra de Vidro *(2ª ed., ligeiramente acrescida e modificada, pela mesma editora, 1978). Isso recambiava automaticamente, embora involuntariamente, a crítica literária para a categoria de atividade marginal e amadorística, a ser praticada indiferentemente por qualquer pessoa culta (se possível) com razoável facilidade de redação; acresce que boa parte dos artigos versava "apesar de tudo sobre história e estudos brasileiros" (p. 15), de forma que, ainda por esse lado, a literatura propriamente dita e em particular a sua exegese e discussão pareciam duplamente ludibriada. Claro, nada disso implicava em negar a competência de Sérgio Buarque de Holanda ou a qualidade dos seus artigos, mesmo na temática literária, ainda que, de fato, nesta última, o enfoque, tudo bem considerado, seja muito mais historiográfico do que hermenêutico; acrescente-se que tais fatos se passavam nas idades primitivas e recuadas em que a crítica ainda não reivindicara com soberba nem sempre justificada a condição de conhecimento iniciático e ritualístico, reservado, mais do que a profissionais da literatura, a sumo sacerdotes.*

No contexto local, é significativo e simbólico que a campanha pela "nova crítica" se iniciasse em 1948 no mesmo jornal que em 1940 julgara acertado convidar Sérgio Buarque de Holanda para substituir Mário de Andrade (sucessão repleta em si mesma das implicações mais sugestivas): entre o começo e o fim da década verifica-se a radical mudança de mentalidade que, para o bem e para o mal, acabaria por uma ampla reestruturação dos conceitos estéticos e da própria figura do crítico. Ora, nada havia de mais enganoso que a impressão de arrogância e suficiência causada àquela altura por Sérgio Buarque de Holanda. Nas fascinantes páginas de memórias com que abre este volume, ele esclarece que assumia as novas funções quase por acaso e sem realmente esperar, entregando-se imediatamente, por isso mesmo, a rigoroso trabalho de atualização e informação num campo que até à véspera lhe tinha sido praticamente alheio. Nesse particular, não podemos nem devemos esquecer que, nos anos 20, ele esteve, ao contrário, no centro das atividades literárias e dos grupos de vanguarda; não se tratava, pois, de um neófito em matéria de belas-letras, mas, antes, de um intelectual, no sentido largo e nobre da palavra, para quem nada do que fosse intelectual podia ser estranho. Ainda assim, uma coisa é ter cultura geral e cultura literária, e outra coisa exercer com regularidade a crítica judicativa. Longe de confiar na sabedoria infusa, nas virtudes da improvisação e na inteligência nativa, como tantos pretensos críticos "científicos" dos nossos dias, Sérgio Buarque de Holanda passou a preparar-se com espírito profissional para as novas tarefas, enganando, a esse respeito, muitos observadores benévolos, admirados da facilidade com que passara da historiografia para a crítica militante: "Só eu sei o que isso me custou de aplicação obstinada, às vezes quase desesperada, de arrebatamentos, vigílias, insônias, leituras ou releituras, paciências, impaciências, horas de transe e desfalecimentos. Para sair-me sofrivelmente da empreitada que aceitei, teria de passar por isso, sem me descuidar de desfazer depois as marcas do meu esforço ainda sensíveis. Parecia-me indispensável dissipar essas marcas, que eram como andaimes destinados a desaparecer na construção acabada. Com isso, com a preocupação de não sobrecarregar meus textos com nomes e citações de autores mal conhecidos da maioria dos leitores, sabendo que eles servem principalmente para impressionar os inseguros e os basbaques, e até com o cuidado de não mostrar tudo o que eu conhecia de tal ou qual matéria em discussão — mas sem incorrer no risco de passar por mal-informado, defeito que seria imperdoável em um crítico, personagem naturalmente presunçoso, pois que se faz passar, no fundo, por onisciente — procurava alijar de meus escritos tudo quanto tivesse um ar de coisa postiça, e dar, com isso, ao conjunto, um aspecto de razoável espontaneidade." (p. 16).

Transcrevo essa longa passagem, corrigindo em caminho alguns erros de revisão (mais abundantes neste volume do que seria de desejar), pela lição que encerra, hoje mais válida do que nunca; leiam-se ainda, e seria aconselhável que o lessem os jovens críticos, as suas considerações a respeito da clareza, da elegância e da correção lingüística, não menos indispensáveis na crítica literária do que nas demais formas de criação intelectual, se nela não for mais indispensável do que nas outras.

Se a "nova crítica" chegou ao Brasil quando já começava desgraçadamente a envelhecer, Sérgio Buarque de Holanda pode perceber-lhe os aspectos vulneráveis já nos inícios da década de 40, mesmo antes que a palavra e a coisa se vulgarizassem entre nós. Num postulado que se aplica a todos os métodos de hermenêutica e "estratégia textual", ele evocava a sagaz observação de John Crowe Ranson, o pai, ou, pelo menos, o padrinho da nova crítica, segundo a qual "a análise dos textos difíceis é geralmente fácil, ao passo que a dos textos fáceis se torna quase sempre difícil" (p. 169). A nova crítica e todas as novas críticas que lhe sucederam mostraram-se mais atrativas enquanto programa e teoria do que na prática do julgamento e da avaliação; ilimitadas no projeto, todas elas se caracterizaram, afinal de contas, como um imenso raciocínio tautológico e circular: "sob a capa enganadora do rigor e do sistema", escreve ainda Sérgio Buarque de Holanda, a nova crítica "descaiu quase sempre para um novo impressionismo, mais minucioso, porém não mais objetivo do que aqueles que professava combater." (p. 170).

Inclinado por sua formação e conformação de historiador ao pensamento concreto e ao subsídio documental, Sérgio Buarque de Holanda mostra escasso interesse pela pura abstração metodológica e pela teoria divagante. Nas coordenadas do contraste acima referido entre o início e o fim da década de 40, é elucidativo lembrar-lhe a insatisfação com os trabalhos de Afrânio Coutinho. Nos Aspectos da Literatura Barroca, *este último parecia-lhe exagerar a significação da mudança de gosto que o novo estilo havia operado, sendo, de qualquer forma, conveniente que viesse afinal a empreender o "estudo do barroco brasileiro", meio único de "contribuir para a renovação dos nossos métodos de crítica e história literária", — conselho que repete literalmente ao fim do artigo (p. 145/165). Assim, por inesperado, era o "historicista" Sérgio Buarque de Holanda que recomendava a "ida ao texto" ou aos textos, muito antes que os críticos posteriores passassem a preconizá-la como a grande revolução anti-historicista do nosso tempo.*

Jornal do Brasil
21.06.1980